

FRANCISCO
BETHENCOURT,
DIOGO RAMADA CURTO
(DIR.)
A EXPANSÃO MARÍTIMA
PORTUGUESA, 1400-1800



Índice

LISTA DE COLABORADORES	IX
PRÓLOGO DE NORMAN FIERING	XI
PREFÁCIO DE FRANCISCO BETHENCOURT E DIOGO RAMADA CURTO	XV
MAPAS	XVII
INTRODUÇÃO	
Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto	1
PARTE I. ECONOMIA E SOCIEDADE	19
1 A Economia do Império Português	
<i>Stuart B. Schwartz</i>	21
2 Custos e Tendências Financeiras no Império Português, 1415-1822	
<i>Jorge M. Pedreira</i>	53
3 Mercados e Comunidades Mercantis no Oceano Índico:	
Situar os Portugueses	
<i>Michael N. Pearson</i>	93
4 A Rede Económica do Mundo Atlântico Português	
<i>Luiz Felipe de Alencastro</i>	115

5 Os Portugueses em África <i>John K. Thornton</i>	145
PARTE II. POLÍTICA E INSTITUIÇÕES	169
6 Padrões de Colonização no Império Português, 1400-1800 <i>A. J. R. Russell-Wood</i>	171
7 Configurações Políticas e Poderes Locais <i>Francisco Bethencourt</i>	207
8 Estruturas Eclesiásticas e Acção Religiosa <i>Isabel dos Guimarães Sá</i>	265
PARTE III. O MUNDO CULTURAL	293
9 A Expansão Portuguesa, 1400-1800: Contactos, Negociações, Interações <i>Anthony Disney</i>	295
10 A Cultura Imperial e Colonial Portuguesa <i>Diogo Ramada Curto</i>	327
11 Língua e Literatura no Império Português <i>Luís de Sousa Rebelo</i>	371
12 A Expansão das Artes: Transferências, Contaminações, Inovações <i>Luís de Moura Sobral</i>	403
13 Ciência e Tecnologia na Navegação Portuguesa: A Ideia de Experiência no Século XVI <i>Francisco Contente Domingues</i>	461
PARTE IV. A DIMENSÃO COMPARATIVA	489
14 A Expansão Portuguesa num Contexto Global <i>Felipe Fernández-Armesto</i>	491
ÍNDICE REMISSIVO	525

Prólogo

NORMAN FIERING

O ano de 1998 assinalou o 500.º aniversário da chegada de Vasco da Gama à costa ocidental da Índia, depois de ter dobrado a ponta sul de África e atravessado o oceano Índico. Esta viagem foi o resultado de décadas de esforços sistemáticos dos Portugueses. Dois anos mais tarde, em 2000, foi reconhecida internacionalmente a chegada dos Portugueses ao Brasil. Estes dois acontecimentos de incomparável importância mudaram o mundo para sempre.

Em meados da década de 1990, na Brown University, um dos centros norte-americanos de estudos luso-brasileiros, após as comemorações internacionais das viagens históricas de Colombo, patrocinadas por instituições espanholas, sentimos que se impunha dar o devido crédito aos feitos portugueses – muito menos reconhecidos – na era da expansão europeia e dos contactos globais.

A Brown University possui um Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros, um dos poucos nos Estados Unidos, uma cátedra de História Vasco da Gama, uma colecção ímpar de *brasiliana* na John Carter Brown Library, e um centro de investigação avançada com financiamento e administração independentes, localizado no *campus*. Em 1997, representantes destas três origens – Onésimo Almeida, Francisco Bethencourt, Diogo

Ramada Curto e eu próprio – encontraram-se para almoçar, decididos a mobilizar os quinhentos anos portugueses como ponto de partida para corrigir a situação.

O nosso principal objectivo era proporcionar ao mundo de língua inglesa recursos intelectuais melhores e mais actualizados para analisar a história da expansão portuguesa na época moderna. A bibliografia de qualidade relativa ao império colonial português era, na melhor das hipóteses, escassa (sempre foi uma reduzida área de estudos nos Estados Unidos), parcialmente datada e maioritariamente escrita em português.

Elaborámos um índice possível, constituído por um conjunto abrangente de ensaios sobre os primórdios do Império Português, propondo-se cada um analisar uma importante área de actividade nessa época e abordar as questões mais relevantes. Em seguida, procurámos obter o apoio financeiro destinado, numa primeira fase, a custear a redacção dos ensaios, e depois a reunir os autores propostos durante alguns dias, em Providence, para que cada um dos contributos pudesse ser discutido.

Várias fundações portuguesas nos concederam generosamente o seu apoio, pelo qual estamos profundamente gratos. A nossa miniconferência sobre a Expansão Oceânica Portuguesa 1400-1800 decorreu entre os dias 11 e 13 de Junho de 1999. É-me grato mencionar aqui todos os presentes naquela notável reunião, onde cada ensaio foi alvo de meticoloso escrutínio e recebeu várias recomendações para revisão; foram eles: Luiz Filipe de Alencastro (Brasil); Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto (Portugal); Anthony Disney (Austrália); Felipe Fernández-Armesto e Malyn Newitt (Reino Unido); Michael Pearson (Austrália); Jorge Pedreira (Portugal); John Russell-Wood (Estados Unidos); Isabel dos Guimarães Sá (Portugal); Stuart Schwartz (Estados Unidos); Luís Moura Sobral (Canadá); John Thornton (Estados Unidos) e George Winus (Holanda). Dois autores do resultante tomo de ensaios não puderam estar presentes: Francisco Domingues, de Portugal, e Luís de Sousa Rebelo, do Reino Unido. Nem todos os presentes viriam a escrever um ensaio para a obra.

Compilações como esta demoram geralmente bastante a evoluir do manuscrito inicial para o livro – neste caso, para nosso embaraço, foram sete anos –, mas, apesar do luxo de se ter tanto tempo disponível, o resultado final nunca concretiza exactamente os sonhos originais de abrangência enciclopédica. Assim, alguns críticos desta obra poderão facilmente apontar o que ela *não* inclui, não obstante a promessa anunciada no título. Não será novidade para nós. Fizemos o que pudemos, tendo em conta as habituais limitações de ordem prática.

O maior obstáculo à obtenção de uma real compreensão do passado é a nossa tendência para nele lermos o presente. Dado que Portugal não é uma

potência mundial, os historiadores comprazem-se em não lhe atribuir muita atenção, mesmo quando escrevem sobre a Europa dos séculos XVI e XVII. Uma das missões da John Carter Brown Library é encorajar abordagens à era da expansão europeia entre 1400 e 1800 que tenham compreensivamente em conta os espantosos empreendimentos da Holanda e de Portugal, dois pequenos países que, em determinado momento, foram líderes mundiais. A expansão da Europa foi inquestionavelmente o fenómeno mais importante da história moderna, fazendo sentir o seu impacto em todos os cantos do globo. Em termos morais, as suas consequências foram, no mínimo, ambivalentes, mas não é possível negar a dimensão do impacto. Não é preciso fazer um grande esforço para fazer remontar o actual estado do mundo à era da expansão europeia.

Durante os últimos cem anos, a organização do estudo e do ensino da história nos Estados Unidos tem-se centrado tendenciosamente na história das «grandes potências» dos dois séculos mais recentes: Inglaterra, França, Alemanha e Rússia. É a história dos vencedores. Mas quem olhasse para o mundo em 1600, sem saber o que lhe estava reservado, não teria os preconceitos existentes em 1900.

O grande interesse dos historiadores naquilo a que hoje comumente se chama o «período moderno», que possui a vantagem de quase não considerar classificações como «Renascimento» ou «Iluminismo» – tão próprias da Europa continental –, chamou a atenção para a verdadeira situação mundial entre 1400 e 1800, e para as incursões ultramarinas europeias que conduziram a uma remodelação do mundo (e à transformação da própria Europa).

Em contextos como «período moderno» e «expansão europeia», torna-se evidente que o pequeno Portugal desempenhou um grande papel, enfrentou e ultrapassou barreiras enormes, e foi pioneiro nas suas descobertas e realizações.

O estudo do mundo moderno e dos seus impérios ultramarinos demonstrou o quanto estes impérios interagiram como rivais económicos e políticos em vastos cenários marítimos, como os oceanos Atlântico e Índico. Os historiadores falam agora regularmente da necessidade de uma «história atlântica», que dará maior atenção ao Brasil, a Angola e, em última análise, ao Império Português como um todo.

Além do mais, se a história foi escrita de forma retrospectiva quando a história das «grandes potências» passou a dominar os *curricula*, também pode ser reescrita para trás quando os acontecimentos do final do século XX revelam o passado sob uma nova luz. Com a Península Ibérica integrando agora plenamente a comunidade das nações europeias, alguns períodos da história de Portugal só podem ser vistos como digressões da Europa e a história de Portugal deve ser recontada como parte integrante da história

européia. Com o desenvolvimento de países como o Brasil, torna-se também urgente compreender a natureza e o impacto da cultura portuguesa no mundo. À medida que o Brasil aumenta o seu poderio económico e o seu estatuto nos assuntos internacionais, mantém-se viva a necessidade de compreender o seu passado e, por arrastamento, o passado do Império Português.

A importância do Império Português para a história da humanidade pode aferir-se pelo número extraordinário de pessoas que, em diferentes partes do globo, têm no português a sua língua materna. O mundo lusófono estende-se de Macau a Timor-Leste, a Goa, a Angola e Moçambique, ao arquipélago de Cabo Verde, aos Açores e ao Brasil. Os falantes de português são em maior número do que os falantes de todas as outras línguas europeias, com excepção do inglês e do espanhol. Goa, na costa ocidental da Índia, capital do império asiático português a partir de 1510, só foi integrada na União Indiana em 1961, decorridos cerca de 450 anos de soberania portuguesa. A marca da cultura portuguesa em Goa é indelével e a região continua a ser um enclave com características ímpares no subcontinente indiano.

Evitando, por um lado, um eurocentrismo glorificado ou triunfal e, por outro, um multiculturalismo desinteressante e politizado ou uma «história mundial» descentrada e sem uma estrutura narrativa coerente, o estudo objectivo dos factos da expansão europeia reconhece a dinâmica central da história moderna mas não ignora os efeitos negativos e profundamente perturbadores dessa mesma expansão. E não deixa inclusivamente de observar que, na grande interacção global que se seguiu, a Europa foi o principal beneficiário.

A integração económica da humanidade, hoje tão esmagadoramente óbvia, teve início sob os auspícios de Portugal, há mais de 500 anos. Para se chegar a um pleno conhecimento deste processo de globalização, o caso português deve ser inequivocamente considerado a par da expansão territorial e marítima espanhola, holandesa, francesa e inglesa. Esta obra tornará infinitamente mais fácil aos estudantes e académicos o estudo da história portuguesa.

*Director e Bibliotecário Emérito
The John Carter Brown Library*

Prefácio

FRANCISCO BETHENCOURT e DIOGO RAMADA CURTO

O planeamento deste livro decorreu durante um extenso período de trabalho colectivo iniciado numa conferência na John Carter Brown Library, em Junho de 1999. Nessa reunião, discutimos o potencial significado do volume e distribuámos as versões iniciais dos nossos textos. Seguiu-se um debate alargado, que deu origem às versões revistas dos vários capítulos e a um sentido mais claro e coerente da forma que o livro deveria assumir. Nalguns casos, o processo de redacção e correcção de textos em inglês causou demoras adicionais num processo que à partida se julgara muito menos longo. No entanto, a estrutura do volume permaneceu relativamente estável desde o princípio, não obstante certas lacunas que se tornaram difíceis de preencher.

Agradecemos muito especialmente a Onésimo Teotónio Almeida, do Departamento de Estudos Brasileiros e Portugueses da Brown University, que tomou a seu cargo o planeamento e as fases iniciais de organização da conferência, e que acompanhou o projecto até ao fim. Temos também uma dívida de gratidão para com o Professor Philip Benedict, pela sua leitura atenta de um dos ensaios. Outra expressão de gratidão é devida ao Dr. José Blanco, da Fundação Calouste Gulbenkian, e ao Dr. Rui Machete, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), por terem tornado

possível a realização da conferência. O produto final deve muito a Norman Fiering, director da John Carter Brown Library até Julho de 2006, por ter apoiado o projecto na instituição exemplar que dirigiu durante vinte e três anos, por ter assumido um papel de relevo na discussão dos textos, e pela constância com que nos incentivou enquanto coordenadores do projecto. Também teve uma participação crucial na revisão dos textos, insistindo que as ideias menos claras fossem tornadas mais explícitas e corrigindo as sucessivas versões dos vários capítulos. O seu labor possibilitou que dois historiadores portugueses fossem os coordenadores de um livro em que parte dos colaboradores são falantes nativos de inglês. A publicação desta obra não teria sido possível sem o seu envolvimento, a sua dedicação e a sua exemplar actividade intelectual.